

Paulo Cesar Sandler

A diferença entre meritocracia técnica e política

*Nos grupos científicos a artísticos,
observados sob o vértice psicanalítico*

Blucher

A DIFERENÇA ENTRE MERITOCRACIA TÉCNICA E POLÍTICA

*Nos grupos científicos a artísticos,
observados sob o vértice psicanalítico*

Paulo Cesar Sandler

A diferença entre meritocracia técnica e política: nos grupos científicos a artísticos, observados sob o vértice psicanalítico

© 2024 Paulo Cesar Sandler

1ª edição – Blucher, 2024

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Juliana Morais

Preparação de texto Luana Nograes e Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Plínio Ricca

Revisão de texto Cristiana Gonzaga Souto Corrêa

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa Paulo Cesar Sandler

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial,
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sandler, Paulo Cesar

*A diferença entre meritocracia técnica e
política: nos grupos científicos a artísticos,
observados sob o vértice psicanalítico* / Paulo
Cesar Sandler. – São Paulo: Blucher, 2024.

380 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2296-5

1. Psicanálise I. Título

24-3373

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

1. A diferença entre meritocracia técnica e meritocracia política	13
2. Mitos	61
3. Transdisciplinaridade	77
4. Ciência ou arte: qual veio primeiro?	101
5. Meritocracia técnica em psicanálise: o vértice psicanalítico	119
6. Meritocracia	139
7. Uma história natural das cinco meritocracias políticas	167
8. Exemplos práticos sob forma de mitos	241
9. Interação homeostática das meritocracias técnica e política: um exemplo de funcionamento harmônico, e não confusional	255

10. Prevalência da meritocracia política sobre a meritocracia científica, complicada pelo disfarce no qual política se traveste de técnica	309
11. À guisa de fim em uma história real, até agora infindável	375
12. Notas finais	377

1. A diferença entre meritocracia técnica e meritocracia política

Numa esquina, aquém do fim do mundo e bem pra lá da Terra de São Nunca, conversam Francis Bacon, George Santayana, Wilfred Bion, Boris Schnaiderman e Wolfgang Sauer. Velhos amigos na acuidade – que jamais se conheceram:

Francis (alerta do alto da carruagem): “Toda novidade não passa de esquecimento”.¹

George (todo despachado, vai pegando carona na carruagem sem pedir): “Quem desconhece seu passado condena-se a repeti-lo”.²

1 Bacon, F. (1625). Of Vicissitudes of Things. In *The Essays* (editado por J. Pitcher). London: Penguin Books, 1985. p. 228.

2 Santayana, G. (1905). Reason and Common Sense. In *The Life of Reason*. New York: Dover, 1980. p. 284. Pode ser recuperado em Project Gutemberg E-book, editado por Marylinda Frazer-Cunliffe, 2005.

*Boris (afastando-se de um Jeep em que sequer entrou ao divisar o banco tomado por sangue de algum ferido, perto de Pisa): “Um fato importante para a formação de grupos é o maior ou menor grau de degradação moral que se atingiu”.*³

*Wilfred (dirigindo um Bentley usado, olha para os três que lhe pareceram demasiado otimistas): “Aquilo que aprendemos da história é que nada aprendemos da história”.*⁴

*Wolfgang (resignando-se): “O ser humano não aprende”.*⁵

De tanto querer auxiliar, atrapalha

Há mais de um século, pessoas padecendo de sofrimentos decorrentes de dificuldades e impossibilidades de enfrentar vicissitudes que afetam e podem danificar sua natureza humana procuravam médicos e ministros religiosos. Como faziam há incontáveis milênios.

Médicos e, antes deles, sacerdotes, tantas vezes confundidos por excesso de fantasias de onipotência e onisciência, apregoaram e prosseguem apregoando, explicitamente ou não, o desafiar de um fato natural – morte. Tanto em sua postura, quanto na sua prática. Acoplam-se às esperanças, expectativas e exigências daqueles que os procuram, por “curas”. Nome, nada acidental, e muito antigo: em uma bem conhecida religião, sacerdotes foram denominados, por séculos, de “curas”.

Em parte por isso, e em parte por eficácia, tantas vezes por coincidência probabilística, hoje chamada efeito placebo pelos médicos, a atividade que apregoa curas mantém-se sob alta procura. Por

3 Schnaiderman, B. (1964). *Guerra em Sardina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 111.

4 Bion, W. R. (1961a). *Experiences in Groups*. Londres: Tavistock Publications. p. 89.

5 Sauer, W. (2011). Depoimento. In P. C. Sandler, *Clássicos do Brasil: Fusca*. São Paulo: Alaúde.

dramaticidade da situação, sem dúvida, que, tantas e tantas vezes, conduz a tragédias.

O exercício da medicina sempre esteve sob crítica, construtiva ou não. Pessoas cuja obra escrita mostra notável alcance e profundidade a respeito da natureza humana e de suas vicissitudes, como Platão, demoraram muito tempo para compreender e finalmente resolver suas dificuldades com os médicos de então. Buscaram, diversas vezes, retirar-lhes a possibilidade de exercer certas ações sobre os pacientes, vistas como extrações do que parecia ser minimamente razoável. Ações vistas como se fossem poderes que precisariam ser reservados aos dirigentes da pólis, mas nunca aos sabedores de tecnologias (*tekna*). Que precisariam apenas servir, mas nunca decidir nada a respeito dos destinos de seus semelhantes.

Terá sido o caso de Platão ter confundido seu próprio autoritarismo com o que supôs ser um autoritarismo indevido, fazendo parte da ação da medicina? Isso ocorreu durante algum tempo, até que Platão pudesse se dar conta de que tudo aquilo que criticava como extração autoritária era algo intrínseco ao trabalho da medicina. Pode discriminar melhor a medicina, como atividade dedicada ao auxílio de pessoas que sofrem, dos médicos que tentavam exercê-la; e dentre eles, aqueles que não podiam exercê-la. Não sendo médico, e, até o ponto que podemos saber, não teria precisado de cuidados médicos, e, talvez, faltou-lhe algum outro componente – paciência, aliada à sapiência que tinha – para poder apreciar adequadamente a técnica que desconhecia; mesmo que tenha podido reconhecer muito do que não sabia, em termos de percepção da realidade.⁶ Em retrospecto, e no que tange ao assunto que tento abordar, deixou-nos uma experiência em que se pode diferenciar a meritocracia política em um grupo humano – no caso, representada por ele mesmo, Platão – e

⁶ Levin, S. (2014). *Plato's Rivalry with Medicine: A Struggle and Its Dissolution*. Oxford: OUP.

a meritocracia técnica, representada pelos médicos. Um dos quais, Exímaco, faz “parte” de um dos diálogos, *O Simpósio* – apresentado como ridiculamente pretensioso, mas, ao mesmo tempo, penetrante no que se refere a aspectos da vida humana, como as relações amorosas. Outro diálogo, *Timeu*, assemelha-se a um minimanual de anatomia e fisiologia, mas mostra limitações seríssimas em relação a comentários sobre terapias, mesmo levando em conta os padrões da época, mais baseados em crenças.⁷

Pessoas carentes e desesperadas, com necessidades reais ou não, procuravam médicos de modo direto, puramente pessoal, mesmo que não os conhecessem anteriormente, de modo majoritário até o início do século XX. Do mesmo modo que alguém procuraria um astrônomo, na impossibilidade de estudar os movimentos estelares; ou um pintor, tanto para obter uma pintura quanto para aprender a pintar, quando isso se constituía como necessidade; ou um músico, ou qualquer outro técnico.

Já importava, àquele que procurava serviços de auxílio, o modo de apresentação externa do médico, do astrônomo, do pintor etc. Trata-se da apresentação que seja aceita socialmente – é a isso que chamo “apresentação externa”. É dada pelas elites minoritárias dominantes,⁸ hoje chamadas de “formadores de opinião”. No início do século XX, e de longa data, imperava em boa parte do mundo autointitulado “civilizado” uma situação social: moda, ou modismos (*fashion*).

Um dos caminhos que tentarei seguir ao longo deste texto é evitar envolvimentos ou filiações a modismos (*fashion*); a meu ver, transformações imanentes, excessivamente influenciadas por pontos

7 King, L. S. (1954). Plato's Concepts of Medicine. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, (9): 38-48. <http://www.jstor.org/stable/24619832>

8 Toynbee, A. (1972). *Um estudo da história* (versão brasileira por I. S. Leal e M. Silveira). São Paulo: Martins Fontes & Universidade de Brasília, 1987.

específicos no tempo, que nos distanciam de observações científicas de invariâncias, que são dotadas de natureza transcendente, a tempo, espaço e etnias. Pretendo que, ao moto deste texto, dado pelo diálogo imaginário em que Francis Bacon nos alerta para o fato de que “toda novidade não passa de esquecimento”, seja enfatizado pela observação da natureza humana provida por Shakespeare: “moda... a ardilosa vestimenta do demônio”⁹.

Que se tornou berço da banalidade impensada: modismos criam uma situação de proibições de condutas e comportamentos que vou exemplificar usando uma síntese de duas observações de dois literatos, Carlos Drummond de Andrade e Antoine de Saint-Exupéry. A historinha ficcional, mais real do que mentiras *“muito bem pregada, daquelas que ninguém desconfia”*¹⁰, pode se chamar “A Pedra no Meio do Caminho do Astrônomo Turco”.

O novelista francês, hoje patrimônio da humanidade, criou a história de um astrônomo turco, que

fizera na época uma grande demonstração da sua descoberta [o asteroide B612] num Congresso Internacional de Astronomia. Mas ninguém lhe dera crédito por conta das roupas que usava. As pessoas grandes são assim. Felizmente para a reputação do asteroide B612, um ditador turco obrigou o povo, sob pena de morte, a vestir-se à moda europeia. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, numa elegante casaca. Então, dessa vez, todo mundo se convenceu. Se lhes dou esses detalhes sobre o asteroide B612 e lhes confio o seu número é por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes adoram os números.

⁹ Shakespeare, W. (1604). *Measure for Measure*, III, i (Fashion... the cunning livery of hell).

¹⁰ Lobato, M. (1936). *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

Quando a gente lhes fala de um novo amigo, elas jamais se informam do essencial. Não perguntam nunca: “Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas?”. Mas perguntam: “Qual é sua idade? Quantos irmãos tem? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?”. Somente então é que elas julgam conhecê-lo. Se dizemos às pessoas grandes: “Vi uma bela casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado...”, elas não conseguem, de modo nenhum, fazer uma ideia da casa. É preciso dizer-lhes: “Vi uma casa de seiscentos contos”. Então elas exclamam: “Que beleza!”.¹¹

Quem removeu essa pedra? Saint-Exupéry refere-se a um fato real: o aparecimento de um político, Kemal Atatürk. No livro *O pequeno príncipe*, o “ditador da Turquia” ordenou a troca de vestimenta de todos os turcos, que a partir daquele momento teriam que se vestir como se vestiam os europeus.

O fato, concretizado no ditador, tem sua face imaterial: um meritocrata político teve uma atitude autoritária. Houve algum beneficiado? Na versão de Saint-Exupéry, a ciência, mais além da pessoa de um astrônomo. O mundo conheceu o asteroide B162.

Há 127 anos, a medicina já era exercida por meio de muitas especialidades, de modo similar ao que ocorre hoje em dia – ainda que a quantidade daqueles tempos não pudesse se comparar à miríade atual, que desafia estudantes de medicina para escolherem alguma em que possam atuar, e também os pacientes, que fazem peregrinações infindáveis até descobrir quem possa ajudá-los, indo de uma especialidade para outra, para outra etc., diminuindo, inadvertidamente, o senso de responsabilidade de cada praticante.

11 Saint-Exupéry, A. (1943). *O pequeno príncipe* (versão brasileira por Dom Marcos Barbosa). São Paulo: Agir, 1956. p. 14.

Quando as dificuldades e impossibilidades no enfrentamento dos sofrimentos envolviam afetos, emoções e sentimentos, ainda muito confundidos entre si, as pessoas privilegiadas financeiramente procuravam alguns especialistas: neurologistas, hipnotistas, psiquiatras, neuropsiquiatras e frenologistas. As pessoas que deles precisavam eram denominadas alienadas ou doentes dos nervos. Seriam maldisfarçados eufemismos adocicados para poder se falar por evasivas, e não enunciar o termo “loucos”? Que, na verdade, ficou um título para pessoas, eventos e coisas que nunca conhecemos e que não entendemos. Abrangem espectro amplo, ao incluir, em um polo, ojeriza odiosa, e no outro, admiração fascinada. Polos rapidamente transmutantes e transfiguráveis entre si. Pespega-se tal título, *louco*, indiscriminadamente, para criminosos, políticos, cientistas, artistas e exploradores geográficos.

Neurologistas, frenologistas e neuropsiquiatras tinham limitação quase total em sua atuação terapêutica, similar à ação prisional. Os limites práticos e teóricos entre todos os ativistas dessas práticas eram tênues e nublados. E continuam sendo, desafiando os órgãos burocráticos que tentam estabelecer regulações.

No início do século XX, já havia sociedades que congregavam engenheiros, médicos, cientistas, matemáticos, físicos, astrônomos, biólogos, políticos e exploradores geográficos. Que, muitas vezes, podiam ter sido pessoas de formação militar. A organização burocrática ou administrativa dessas associações tem história milenar. Os grupos de pessoas assim agregadas sempre foram necessários. Tal necessidade se expressa pela criação de ditados tão antigos quanto populares, como “A união faz a força”, frase clivada de uma fábula de Esopo (em torno de 600 a.C.); e “Um por todos, todos por um”, moto popularizado pelo romance *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, escrito em 1844.

Na época de Esopo, havia algumas organizações associativas de pessoas cuja intenção não era militar, mas pedagógica: a Academia,

organizada por Platão. E depois, o Liceu, organizado de modo inicialmente revoltoso por Aristóteles. Seguidas por outras, como a que congregava seguidores de Pitágoras, que se chamavam a si mesmos de “pitagóricos”: o nome da agremiação já confundia a pessoa com a ciência e a filosofia?

Vários estudos registram que os essênios, uma das seitas religiosas entre os hebreus, foram os primeiros a promover, nas sinagogas em Alexandria, uma organização de “sociedades comunitárias que pudessem prover todas as necessidades vitais de seus membros”,¹² incluindo as mais materializáveis, como o comércio, e as atividades imaterializadas, como os códigos mosaicos que caracterizam a tradição hebraico-cristã. Os essênios não eram nobres, obviamente, apesar das vagas indicações contidas no mito de Moisés, de que suas práticas teriam sido adotadas pelo faraó. Os essênios isolaram-se no deserto, “atrás de um mar”, originando o mito da terra prometida. Estruturaram burocraticamente as várias *tekna* e os vários negócios especializados, como carpintaria, pesca, construção e medicina. Também proviam necessidades intelectuais imaterializáveis, por aprendizado. O sentido de uma estrutura comunitária que pudesse prover todas as necessidades vitais que devemos aos essênios, como todas as conquistas advindas das migrações indo-europeias, encontrou sua síntese na pólis idealizada pelos antigos gregos, posta mais efetivamente em prática na cidade de Alexandria (150 a.C.).

Anacrônicas guildas? Ou: toda novidade não passa de esquecimento

Na Idade Média, o tipo de associação e, em linguagem moderna, organização burocrático-administrativa dos essênios, que bem poderia

12 Walford, C. (1879). *Gilds: Their Origin, Constitution, Objects, and Later History*. Vol. V, *Insurance Cyclopedia*. <https://hdl.handle.net/2027/msu.31293024451803>. pp. 5 e 56.

ser chamado de clube, foi denominada guilda. É visto como um dos fatores no desenvolvimento do que se chamou, por pelo menos trezentos anos, de “burguesia”, nome que atualmente ficou fora de moda.

Há controvérsias sobre a origem da palavra guilda. Pode advir do antigo saxão; seria derivada do termo *geldan* ou *gildan*, que tem o sentido de “pagar”, pois os membros das primeiras guildas uniram-se com propósitos civis e religiosos, tantas vezes confundidos. Em bretão e na língua celta, tinha o significado de “festa”. Na Dinamarca, adquiriu o significado de “corporação”. Cornelius Walford tenta explicitar o sentido das guildas por uma descrição de atividade: um grupo de pessoas que se associa, sob determinado juramento, para levar a cabo um trabalho prático de objetivo claro e comum para todos.

A organização foi resgatada eticamente no Iluminismo por Immanuel Kant e posta em prática diária por John Locke e Adam Smith, nos princípios democráticos e de livre comércio. Guildas parecem se manter em alguns espaços-tempo e etnias, apesar de semipermanente atacadas de modo indiscutivelmente violento por corrupção autoritária ávida, nutrida por fantasias de superioridade. Há vários tipos de fantasias e não faltam exemplos de raças alucinadas; ou de uma classe social, como no nazismo e no estalinismo, sempre originadas por, e resultando em, corrupção materializável.

Os princípios dos essênios tiveram tentativas de resgates em organizações cristãs e hebraicas, como os amish e os quakers; e nas organizações socialistas dos kibutzim. Caracterizam-se por terem tido pouca duração; ou alcançado poucas pessoas.

Atribui-se a Abraham Lincoln ter observado – ou talvez ter repetido uma observação de um teólogo protestante, Jakob Abbadie,¹³ que se referiu ao cristianismo como expressão de verdade – no que tange à

13 Grant, H. W. (1885). Jakob Abbadie. In *Dictionary of National Biography*. Londres: Smith, Elder & Co. Há uma versão disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/Dictionary_of_National_Biography,_1885-1900/Abbadie,_Jacques

mentira e à sua rápida propagação. A observação ficou quase tão famosa como a figura histórica de Lincoln: poder-se-ia enganar muitas pessoas por pouco tempo ou poucas pessoas por muito tempo, mas não muitas pessoas por muito tempo. As guildas, não sendo organizações de intenção religiosa, mas necessitando da prática, foram resguardadas desse fato por questões de sua própria sobrevivência. Uma guilda de sapateiros que não fosse ligada, ainda que indiretamente, à produção de sapatos não resistiria por muito tempo. A observação atribuída a Lincoln poderia ser aplicada às tentativas de estruturação social baseadas em alguma verdade vital, irmã siamesa de uma necessidade real. As guildas não apenas abrigavam os ofícios e oficiantes, mas eram parte intrínseca de sua propagação social. Walford sintetiza:

Guildas desempenharam um papel muito importante na história da nossa civilização e provavelmente no mundo em geral. Promoveram arte e ciência, desenvolveram o comércio e, em muitos casos, valorizaram e preservaram nossas liberdades. Moldaram, em vários aspectos, carácteres nacionais e muitas instituições [...] iniciaram e nutriram esse princípio de associação para a proteção comum em estados de riqueza e também na adversidade [...] parecem ser contemporâneas do comércio e da civilização.

No final do século XVIII, surgiram vários clubes ou associações de ativistas político-financeiros – eufemisticamente denominados político-econômicos, pois é duvidoso que possa haver uma separação total entre essas duas atividades, na prática e na teoria.

Um exemplo foi a maçonaria; e, depois, os partidos de orientação socialista, comunista, anarquista e de crime organizado, hoje denominados de modo geral como máfia. Se houvesse algum direito autoral para criação de nomes, “Mão Negra” foi reivindicado por um

grupo beligerante sérvio, o estopim da Primeira Guerra Mundial e por um dos vários ramos da máfia italiana. “*Empresários e diretores de grandes empresas, privadas e estatais, têm muito a aprender com os chefes dos traficantes de drogas, armas e lenocínio... A indústria de drogas é simples e lucrativa; por sua enorme lucratividade, é difícil de parar*” são visões divulgadas por livros e por periódicos respeitados em economia política.¹⁴

Toda e qualquer atividade especializada de trabalho – *tekné* para os antigos gregos – envolve graus variáveis de risco, como a própria vida, justamente pelo fato de que trabalho tenta atender necessidades vitais. O fator econômico-financeiro vinculado a todas essas organizações, ou grupos, ou associações, desde a Antiguidade, é notável e óbvio, ainda que demasiadamente negado e escondido em algumas delas. Sempre foi claro nos grupos político-militares, religiosos e nas guildas. No que tange às atividades de médicos e dos outros praticantes do ofício do cuidar, o gerador maior do que hoje chamamos de psicanálise emergiu daquilo que hoje se chama “seguro saúde” ou “convênio médico”, que dispõem de incontáveis elencos de atividades.

Pode-se qualificar que havia uma solidariedade mecânica¹⁵ entre os membros dessas associações, ou sociedades, ou clubes. Muitas guardavam relações de parentesco familiar, no mesmo sistema utilizado pela nobreza, da qual dependiam. Podiam estar ligados a universidades pelo fato de que os membros poderiam pertencer às duas instituições. Estudantes, professores e praticantes aderiam, e ainda aderem, às duas em busca de reconhecimento pelos pares e auxílio

14 Wainwright, T. (2016). *Narconomics: How to Run a Drug Cartel*. Londres: Hachette. As citações são de textos preparados para o periódico leigo *The Economist*, cujo corpo editorial conta com a participação desse autor: “Narconomics”, na edição de 25 de junho de 2014; “Big Business”, na edição de 14 de agosto de 2018.

15 Greenwald, D. E. (1973). Durkheim on Society, Thought and Ritual. *Sociological Analysis*, 34(3): 157-168. <https://www.jstor.org/stable/3709771>

na solidão de suas necessidades particulares, incluindo suas investigações científicas.

No entanto, durante muito tempo, a maior parte dessas instituições associativas de profissionais ou ativistas que congregassem as especialidade médicas que tento enfocar – neurologistas, psiquiatras, frenologistas, neuropsiquiatras, e que eram claramente identificadas político-geograficamente como pertencentes a alguma paróquia, bairro, município, estado, nação ou universidade – não era procurada por aqueles que pretendiam obter ajuda e tratamento para o enfrentamento de vicissitudes e sofrimentos em sua própria natureza: a natureza humana, cujo nome é “paciente”, ou como insistem alguns, revelando o fator financeiro-comercial, “cliente”. Procuravam indivíduos em particular, mas não a associação.

Hospícios, nosocômios ou hospitais para alienados não se constituíam como associações das classes profissionais aqui elencadas. Afinal, no final do século XIX e início do século XX, a época dos estamentos ditos “burgueses” já estava em fase de extinção.¹⁶ Uma pessoa que precisasse de um neurologista, de um psiquiatra e de um psicanalista – denominação que surgiu em 1896 – procurava-o individualmente.

No caso dos psicanalistas, o nome era conhecido por pouquíssimos e havia apenas um deles, como todo leitor deste livro bem o sabe. Cinco anos depois, havia algo em torno de doze pessoas que se reuniam, em termos de uma meritocracia técnica interessada em psicanálise, na casa do descobridor – então desligado da universidade e praticando clínica privada em neuropsiquiatria.

Não é mais o caso, hoje em dia. Mais de um século depois, emergiram inumeráveis associações, ou clubes, ou sociedades no mundo inteiro, caracterizando um movimento de massa, ou uma

16 Krause, E. A. (1999). *The Death of the Guilds: Professions, States, and the Advance of Capitalism, 1930 to the Present*. Yale: Yale Universities Press.

horda. Nem sempre ligadas às universidades e, em muitos casos, rechaçadas por alguns grupos acadêmicos. Mesmo assim, em retrospecto, a previsão de Ernesto “Che” Guevara, que tinha certeza do surgimento futuro de “um, dois, três, muitos Vietnãs”,¹⁷ bem poderia se aplicar a sociedades, associações e clubes que se dizem “psicanalíticos”, mesmo que esse fato nunca tivesse sido previsto. Afinal, a previsão de Che quanto a revoluções comunistas mostrou-se falsa, como praticamente todas as previsões sociais e econômicas. E, a exemplo de tantas outras “ironias da história”,¹⁸ e para desgosto do descobridor dessa técnica de investigação e terapêutica a respeito do funcionamento e dificuldades no funcionamento do aparato psíquico (outra denominação cunhada pelo descobridor), psicanálise foi socialmente apontada como se tivesse sido “revolucionária”, no que tange às disciplinas que a precederam e lhe deram luz – neurologia, psiquiatria, psicologia, antropologia social e cultural (como era conhecida), incluindo mitologia, teoria da ciência e sociologia da religião (como hoje é conhecida). Quem tem qualificado a psicanálise como “revolucionária”? Muitas parcelas da população. De interesse para os objetivos deste livro, ressalto que faz parte desse grupo a meritocracia política no movimento social que precoceamente se organizou, pelas pessoas interessadas em psicanálise.

Pessoas que procuram um médico, ou um dentista, ou um psicólogo clínico precisam se associar a esses clubes, mediante pagamento, de modo nada diverso daquele dos essênios. A necessidade de pagamento financeiro está registrada na história de Jesus, registrada por escrito por Paulo de Tarso – proveniente de uma família

17 Guevara, E. (1966). Create Two, Three, Many Vietnams. *Tricontinental Magazine*, 2: 1-9, 1967. https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/s3-euw1-ap-pe-ws4-cws-documents.ri-prod/9781138824287/ch10/4_Ernesto_Che_Guevara,_Create_Two,_Three,_Many_Vietnams,_1967.pdf

18 Deutscher, I. (1956). *Ironias da história* (versão brasileira por Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

muito abastada – e pelos evangelistas. Os escritos descrevem alguns eventos, cuja materialidade pode ser qualificada como construtiva ou destrutiva. A primeira pode ser exemplificada naquilo que, na teologia cristã, tomou o nome de Santa Ceia.¹⁹ A segunda, nas diatribes beligerantes com o Império Romano, que reiniciaram as perseguições assassinas e a segregação do povo judeu. Levaram à crucificação de Emanuel, que havia mudado seu nome para Jesus, ou “Judeu”. Centralizou as diatribes internas do que ele pensava ser “seu povo”: as clivagens violentas entre o Sinédrio, ou Conselho Rabínico, locupletado com a meritocracia política do grupo dos hebreus, composta de uma elite na elite, os saduceus. Que se comunicavam com a população pelos fariseus, os populares controladores dos locais de reunião – hoje chamados de sinagogas ou templos de reza. Fariseus permitiam comércio pelos “vendilhões”.

Todos esses tornaram-se inimigos dos essênios e de seu modo peculiar – propagado, ou propagandeado como se estivessem totalmente comprometidos com o código mosaico e com o provimento comunitário. Dados históricos comprovam que passaram a viver segregados, em um intervalo histórico hoje difícil de calcular, mas certamente antes do advento de Cristo. A mesma questão, até hoje irresolvida e talvez irresolvível, dadas as impossibilidades do grupo humano em aprender da experiência, entrou em erupção na época que os historiadores denominam Protestantismo, materializada nas ações de Martinho Lutero, um sacerdote católico que tentou expor as raízes consideradas malditas, pois eram vistas como “laicas”: versões requestionadas das práticas do Império Romano, ou “seculares”, conforme praticadas pelo ramo católico apostólico do cristianismo. Alguns historiadores notam que Lutero tentou resgatar as práticas dos essênios. O resgate não parece ter durado sequer a geração de Lutero,

19 Taubes, J. (1987). *The Political Theology of Paul* (versão inglesa por Dana Hollander). Standorf: Stanford University Press.

nem mesmo seu tempo de vida. Ocupou-se em praticar exatamente o que mais criticou.

A multiplicação dos centros de formação em psicanálise permite que alguém que sente necessidade de auxílio de um psicanalista nem sempre precise, ou mesmo possa, por falta de informação, procurar um psicanalista em particular. Independentemente dos fatores que tenham contribuído e influenciado essa necessidade, que só podem ser detectados, isolados e submetidos a algum desenvolvimento em uma psicanálise real, por pertencerem a algo que foi denominado por Sigmund Freud como “sistema inconsciente do aparato psíquico”^{20,21}. Atualmente, é possível se dirigir a uma associação, ou sociedade, ou clube de psicanalistas, e, pelo menos em nosso meio, algum grupo estatal ou particular, popularmente denominado “convênio” de serviços médicos, odontológicos e psicológicos, para obter o nome de algum praticante, que seja “certificado”, ou apresentado como referendado. O mesmo ocorre em outros países.

A partir dos anos 1980, a Associação Internacional de Psicanálise passou a imprimir e enviar a materialização que concretiza os desejos de posse, inspirada em diplomas universitários: o papel visto como “oficial”, mesmo que essa associação não pertença a nenhum órgão governamental, tornou-se um certificado, que certifica que a pessoa que tem seu nome lá impresso, é um psicanalista. Não se trata de nada exatamente implícito, mas deduz-se que quem não obtenha esse impresso, não seja um psicanalista. A situação, cedo tornada uma questão, inclusive regulada por legislação governamental em alguns países, sempre envolveu as práticas que têm se filiado a uma formação universitária. O certificado oficial diz que a pessoa é médico, psicólogo, engenheiro etc. Alguns supõem que o certificado só

20 Freud, S. (1895a). The Functioning of the Apparatus. In Project for a scientific psychology. *SE*, vol. 1, pp. 374-376.

21 Freud, S. (1900). Material and Sources of Dreams e Psychology of Dream Processes. In *The interpretation of dreams*. *SE*, vols. V-VI, pp. 277, 538-614.

poderia ser dado pelos resultados práticos que essas pessoas, com ou sem o papel, conseguem performar. No caso de práticas individuais, de serviços individuais: o paciente, ou usuário, e o praticante.

Mesmo que algumas dessas pessoas tenham seguido um percurso que me parece natural – procurar um psicanalista, do mesmo modo que se procura um médico, um dentista, um psicólogo clínico, um fisioterapeuta, um encanador etc. – caso precisem, ou, na maior parte das vezes, na atualidade, desejem praticar a psicanálise com outras pessoas, também precisarão, ou sentirão que precisam, procurar alguma associação, sociedade ou clube. O fator burocrático-administrativo sempre se fará presente. Nele, o fator financeiro – o termo “econômico” pode ser, ou não, um eufemismo – ficará subjacente, como na época da Santa Ceia. Até hoje, não é anunciado totalmente, de modo explícito. Insinua-se e emerge, claramente, nas ações. Não se sabe, atualmente, o autor do ditado que expressa sabedoria popular, “ações falam mais alto do que palavras” – penso que trata ou avisa sobre uma verdade.

Em sequência, dou início às considerações sobre os instrumentos de um psicanalista com uma tentativa de análise crítica das instituições sociais que pretendem cuidar e identificar, e por vezes realmente parecem cuidar, da congregação grupal dos indivíduos que pensam, ou dizem pensar, que estão interessados, ou necessitados do tratamento possibilitado pela psicanálise; ou que precisam, ou que desejam conhecer psicanálise; e alguns deles – não tenho dados estatísticos para saber se são maioria ou não – dizem que “querem ser psicanalistas”. Usualmente, a procura registra, de modo claro e consciente, o querer; e o saber; e em menor grau, o precisar. Em minha prática, a discriminação precisa do “precisar”, da necessidade, e do modo que ela se dá fica muito mais sob o encargo do psicanalista. E já faz parte do trabalho do psicanalista, em conjunto com aquele que o procura; que, com a evolução do trabalho, pode descobri-lo.

O *leitmotiv* deste primeiro de uma série de dois volumes se endereça às tentativas individuais de apreender, ainda que parcialmente,

fatores originando fatos que imbuem e paradoxalmente cercam o trabalho de um psicanalista por meio da identificação de seus instrumentos de trabalho.

Fatos que incluem, querendo ou não, a formação de grupos. Grupos que tentam possibilitar, mas que também podem impedir ou até mesmo excluir o trabalho de psicanalistas, na mesma extensão em que prometem ou propagandeiam que o facilitariam ou permitiriam. Este estudo tenta ser um acréscimo, mas nunca uma substituição, aos fatores individuais, que só podem ser detectados em uma psicanálise individual.

Inicialmente, procuram-se grupos de modo natural e espontâneo, com a função de se constituírem como auxílio para a apreensão dos fatos determinantes e mantenedores daquilo que pode ser qualificado como psicanálise.

O intuito deste livro é se constituir como elaboração de algo que só posso descrever utilizando uma analogia: a de uma bússola, que pode ser usada para a orientação de indivíduos. E, em consequência, também a orientação dos grupos compostos por esses indivíduos. Precisarei apelar para analogias. Uma delas, mitológica: a arca de Noé. Outra, biológica: um, e apenas um indivíduo.

Indivíduos são mais orientáveis, por si mesmos, do que embarcações. Embarcações, assim como grupos, são prejudicadas por gigantismo. Como lanchas, que são pequenas se comparadas com navios petroleiros, ou transatlânticos, ou cargueiros – esses últimos precisam de “práticos”, uma pessoa que só embarca para guiar o navio próximo aos portos, e navios menores, chamados rebocadores, para fazer suas manobras. Embarcações conseguem manobrar por círculos, exigindo uma quantidade inalcançável de graus, se comparada com a quantidade possível para indivíduos, que, por sua vez, têm capacidade de manobra e orientação mais rápida, se comparada com as das embarcações, grandes ou não.

Este livro provavelmente será de interesse para um pequeníssimo grupo, se o parâmetro de comparação for o número de pessoas que hoje ocupa nosso planeta – em torno de oito bilhões. Endereça-se aos membros do movimento psicanalítico e, de modo principal, aos seus pacientes. Novamente, não dispomos de dados estatísticos, mas a quantidade está na casa de poucos milhares.

Pacientes, em princípio, seriam leigos em psicanálise – pelo menos em sua primeira procura. Dela apenas ouviram falar; e hoje em dia, e cada vez menos, por outra pessoa em particular, que tenha se submetido a uma psicanálise. Considero que o ato “ouvir falar” é uma excelente receita para *desconhecer* qualquer coisa, ou não coisa, que se considere: um objeto material, um evento, uma pessoa, uma disciplina científica e as técnicas que geraram essa disciplina científica. Ouvir falar, se aplicado a pessoas, parece-me indistinguível de fofoca. Que pode ser considerada pelo grupo, e por aquele que fala, como se fosse positiva, usualmente bajuladora, ou negativa, em geral de natureza violentamente difamatória. Vindo antes, pois nunca se fala a respeito de alguém na presença desse alguém, a não ser em momentos de sinceridade, e nesse caso, não é necessário falar em grupo. E, vindo antes, temporalmente, nunca dá a oportunidade de resposta imediata e, em alguns casos, eficaz.

Mesmo assim, um paciente que procura um psicanalista pela primeira vez e que está em situação leiga no que se refere à ciência e à técnica possui, pelo menos, alguma situação imaterial que impulsiona alguém para procurar um psicanalista.

Possui necessidade, que o movimenta, que o faz se interessar por contribuições dadas por disciplinas científicas para sobrevivência em ambiente predominantemente hostil – característica do nosso planeta, antes ou depois de termos nascido.

A disciplina científica mais antiga – caso mensurada pelos métodos atuais da antropologia – que tenta tratar de questões diretamente originadas e vinculadas à necessidade de sobrevivência é a medicina.

Isolá-la desse modo pode dar a impressão de que estaria clivada e isolada da situação grupal, o que nunca é verdade. A própria necessidade é determinada ambientalmente, e o ambiente é parte de um grupo circundante a todos nós, dos elementos básicos daquilo que chamamos de “vida”.

Um grupo de duas pessoas nunca deixa de ser um grupo: e medicina se faz por um grupo de duas pessoas. Atualmente, a medicina ficou plena de disciplinas derivadas e herdeiras. Um dos mitos da tradição judaico-cristã sobre a ordem divina, “crescei e multiplicai-vos”, tem sua aplicação nesse caso. Nossa “bússola” vai ficar enfocada, como se fosse atraída por um polo, não magnético, mas humano, em dois deles, dentre os herdeiros e, atualmente, substitutivos daquilo que médicos não podem mais executar: a psicanálise e a psicologia clínica.

A função do texto é a de orientação. Considero que permanecemos vivendo em um espaço-tempo de uma confusão beligerante. O estado ao que me refiro não se refere à política internacional ou nacional, mas se materializa pela indiscernibilidade generalizada entre o movimento psicanalítico²² e a psicanálise propriamente dita.

Se usarmos um vértice comercial como analogia para efeitos de comunicação, podemos dizer que existem confusões beligerantes na população mundial. Ocorrem no atacado e no varejo. O espaço-tempo desde 1945 não se caracteriza por confusão beligerante no atacado, cujo “triste recorde”, por evolução tecnológica materializada sob forma de armas, se deu entre 1917 e 1945.^{23,24,25}

22 Freud, S. (1914a). On the History of the Psycho-analytical Movement. SE, vol. XII.

23 Bion, W. R. (1940). Civilian Reaction, Morale and Prophylaxis. In *War of Nerves* (editado por E. Miller). New York: MacMillan, 1944.

24 Bion, W. R. (1947). Psiquiatria em tempos de crise. In *Cogitações* (editado por F. Bion; versão brasileira por Ester Hadassa Sandler e Paulo Cesar Sandler). Rio de Janeiro: Imago.

25 Bullock, A. (1998). *Hitler and Stalin: Parallel Lives*. London: Fontana Press Bullock.

Não houve evolução, tampouco involução, nos fatos que evidenciam nossa ferocidade – mais usualmente, diz-se ferocidade *dos seres humanos*, como se o falador não fizesse parte do grupo humano.

Ainda não provamos o fato, constantemente propalado, que todos nós, seres humanos, pudemos realmente dominar a vida sobre a face da terra, já que baratas e ratos, mais antigos filogeneticamente que nós, têm se mostrado competidores à nossa altura em termos de adaptabilidade ao ambiente. Não estou considerando vírus, bactérias e outros parasitas – que, se também pudessem ter dominado a vida na Terra, já o teriam feito, pois são incomparavelmente mais antigos. Sendo verdade que existe seleção natural, um fenômeno imaterial e que se materializa biologicamente, faz parte da seleção natural que esses seres também precisem sobreviver. Parasitas que são, teriam decretado sua própria morte, como espécie, caso sempre matassem todos os seus hospedeiros. Provariam a falsidade das observações de Darwin e as de Mendel, atualmente consideradas inseparáveis.²⁶

Até pouco tempo, supunha-se que seríamos os únicos animais ferozes que matam sem necessidade de sobrevivência; recentemente, zoólogos práticos evidenciaram que pelo menos um outro mamífero, capaz de canibalismo, também o faz: o hipopótamo,²⁷ que mata mais seres humanos do que são mortos por eles. A questão pode ser de magnitude da capacidade destrutiva: nós, seres humanos, detemos o duvidoso recorde de ainda sermos os únicos animais capazes de destruir toda a vida na face da Terra. E não apenas de um modo, como se pensou logo após a elaboração da bomba nuclear. Concluo que, pelo menos até agora, meritocracia técnica e política têm se unido nessa força destrutiva.

26 Williams, G. C. (1966). *Adaptation and Natural Selection. A Critique of some Current Evolutionary Thought*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

27 Barr, B. (2008). Dangerous Encounters. *National Geographic Channel*.

Estou tentando introduzir as noções que proponho denominar meritocracia técnica e meritocracia política: duas “faces” da mesma situação.

Aparentemente, a “situação” à qual me refiro é consequência inevitável de nossa natureza humana. Pode ser estudada a partir da detecção de alguns fatores. Na minha hipótese, haveria fatores primários e secundários.

Um fator primário é advindo de uma necessidade natural: é preciso lidar com uma vicissitude básica, a de nossa sobrevivência em um ambiente predominantemente hostil e, em consequência, pouco facilitador para nossa sobrevivência. Necessidades naturais não são determinadas por elites autoritárias, mesmo que estas usualmente apelem para elites divinas. Necessidades naturais não foram inventadas ou impostas por alguém ou por algum grupo elitista e elitizado por si mesmo.

Há outros fatores primários? Não sei, mas algum leitor interessado poderá descobrir, caso existam.

Os fatores secundários são consequenciais e parecem-me complicadores, são dependentes de características da natureza humana e podem ser divididos como atinentes à estrutura psíquica (que pode ser vista como micro) e à estrutura social (que pode ser vista como macro). No que tange à estrutura psíquica, pode haver a prevalência de um ciclo psíquico básico, avidez ↔ inveja, resultando em relações inter-humanas marcadas por rivalidade. No que tange à estrutura social, relações inter-humanas rivais e ávidas podem ser visualizadas segundo o vértice de observação econômico-financeiro: manifestam-se por explosão populacional marcada por diferenças ultrajantes no índice de Gini, que mede desigualdade social, e as modificações climáticas impondo situações de fome e sede para a maioria, poupano a minoria elitista.

No caso das duas “faces”, meritocracia técnica e política, suponho que exista a necessidade de obter-se um equilíbrio dinâmico,

provendo um estado de homeostase interacional que possa ser mantido com o menor gasto de energia possível. O modo que essa “energia” ocorre é irrelevante, mas penso ser útil adotarmos o princípio de Fechner (descrito na página 197, adiante); e estaríamos falando de energia psíquica, sob a hipótese de Freud.

Podemos fazer uma analogia com todos nós, seres humanos: temos duas “faces” que os médicos chamam de dorsal e ventral. O leitor pode inverter a ordem, caso lhe apeteça: essa ordem é dada apenas pela necessidade de exposição verbal do assunto. Não estaria longe da verdade histórica afirmar que os antigos gregos estavam entre as primeiras pessoas que notaram a existência natural e necessária desse estado de homeostase dinâmica. Certamente foram os primeiros a registrá-lo de modo escrito, por formulações verbais e matemáticas.

Se houver alguma prevalência de uma das duas “faces”, rompe-se um equilíbrio paradoxal, homeostático e dinâmico. Equivaleria a uma pessoa que tivesse apenas sua face ventral, à custa de sua face dorsal. Isso pode ser conseguido por meios de prestidigitação, ou escondimento, obliterando a percepção visual de alguma audiência.

O estado de equilíbrio homeostático e paradoxal a que me refiro obedece a um “princípio” que tem sido denominado princípio de constância de energia, nos menores níveis possíveis, para a execução de algum trabalho por algum sistema, vivo ou morto. Vou poupar, no momento, o leitor das citações bibliográficas, que serão fornecidas ao longo do texto.

Existe a possibilidade de se fazer um tipo de mensuração desse equilíbrio dinâmico em homeostase? Sim; e foi acompanhada da descrição de uma característica fundamental desse equilíbrio. Foi descoberta no século XIX, ou seja, foram necessários pelo menos dois milênios para tanto. Tomou o nome de “princípio de constância”, na tentativa de evidenciar a procura natural de um estado de

menor dispêndio de energia para que o sistema dinâmico pudesse ser mantido. Vale para qualquer sistema dinâmico, vivo ou não. Foi descoberto por meio do estudo das respostas provenientes de um sistema a estímulos, externos ou internos, que possam ser captados por esse mesmo sistema.

Na nossa natureza, que podemos chamar, como Winnicott a chamou, de natureza humana, a captação dos estímulos se dá por nosso aparato sensorial. Todos nós, seres humanos, captamos estímulos de qualidade visual, sonora, olfativa, tátil ou de paladar – na hipótese de Freud, o sistema consciente, que teria a função de apreender estímulos de qualidade psíquica. A hipótese de Freud foi aplicada por neurofisiologistas, anos depois, a respeito de receptores de estímulos proprioceptivos (de algumas vísceras inervadas) e cinestésicos (de equilíbrio) de origem interna a nós mesmos.

O princípio da constância de energia nos níveis mais baixos possíveis foi descoberto por um homem chamado Heinrich Weber. Ao ser descoberto, e desde então, tem sido aplicado para sistemas que chamamos de físicos: hidráulicos, mecânicos, acústicos, elétricos, eletrônicos e quânticos. Esses sistemas também poderiam ser chamados de sistemas inorgânicos ou mortos. São artificiais e eficazes (reais) na mesma medida que respeitam princípios naturais. No livro *Instrumentos de um psicanalista* (no prelo), vou tentar detalhar as diferenças entre sistemas artificiais, ou descobertas tecnológicas, pertinentes à realidade, e invenções artificiosas, pertinentes à área da falsidade. Vou usar o termo *realidade* como sinônimo de verdade (sem nenhuma preposição), e o termo *falsidade* como sinônimo de mentira e alucinação, cuja evolução, sob o vértice psiquiátrico, se chama de alucinose e delírio.

A mesma situação dos sistemas mortos, ou não vivos, foi constatada para sistemas vivos por Gustav Fechner, o aluno mais capaz de Heinrich Weber. Atualmente, o princípio é denominado Weber-Fechner. A descoberta da psicanálise deve-se, fundamentalmente,

ao uso que Freud fez desse princípio – chamado em sua época de princípio de Fechner. Isso lhe possibilitou descobrir uma disciplina científica; como não tinha nenhum nome disponível para intitulá-la, criou o nome *psicofísica* (descrita à página 197, Capítulo 7).

O princípio de Weber-Fechner oferece a oportunidade de警armos para mais uma analogia a respeito da prevalência ou desequilíbrio originado da clivagem entre as suas “faces” da paradoxal totalidade: meritocracia técnica e política. Sistemas inorgânicos ou mortos exibem um dinamismo automatizado que tem sido denominado movimento browniano. Até o momento, foi descrito apenas para o movimento das macropartículas moleculares. É possível abordá-lo por meio do estudo das partículas atômicas, caso façamos uso da química e da bioquímica; e das micropartículas, caso usemos a matemática e a física relativista e quântica.

Devemos todas essas descobertas à meritocracia técnica (que pode também ser chamada de científica ou artística) em todos os grupos humanos que se possa considerar. Anterior, mas nunca independente da outra “face”, a meritocracia política. Uso mais uma analogia, fornecida pela embriologia: um embrião é anterior a um feto, mas nunca independente dele, caso o estado de vida permaneça. Vou mencionar agora mais uma descoberta, feita, dessa vez, pela matemática: o Bóson de Higgs permitiu, pela segunda vez na história da ciência, realizar uma descrição totalizante da realidade materializável e imaterial. Sua primazia histórica apareceu a partir de duas disciplinas científicas diferentes, a psicanálise e a físico-química, sob as hipóteses de Freud, a respeito do paradoxo da realidade material e psíquica. Esse é o fundamento da psicanálise e também da constante da natureza de Planck; e das relações entre partícula (material) e onda eletromagnética (imaterial) contidas na Teoria da Relatividade Geral de Einstein.

As três hipóteses foram feitas entre 1899 e 1905.

A face “meritocracia política” emerge ainda em equilíbrio dinâmico com a “meritocracia técnica”, por exemplo, na construção internacionalizada do que pode ser nomeado, em linguagem leiga, Caldeirão Colisor de Partículas, ou, de modo preciso na linguagem técnica, Grande Colisor de Hádrons (*Large Hadron Collider*), em Genebra, como já havia ocorrido no desenvolvimento dos aceleradores de partículas nos Estados Unidos e Alemanha, no século XX, denominados cíclotrons. Meritocracia política passa a preponderar, à custa da meritocracia técnica – como se alguém só pudesse mostrar sua face ventral, mas não a face dorsal, se pudermos nos recordar do fato de que as notícias na imprensa leiga, para alegria financeira das agências de notícias, apregoaram que o *establishment* científico teria conseguido “evidências empíricas” que “provariam” a existência do Bóson de Higgs. Dar o nome, Higgs, já me parece efeito da prevalência total da meritocracia política sobre a meritocracia técnica, já que a descoberta matemática não foi feita apenas por uma pessoa, mas por um grupo de pesquisadores – em 1961, e não em 2015, quando o Grande Colisor conseguiu fazer as medições, idênticas aos cálculos de 1961!

As “provas empíricas” são desnecessárias, pois cientificamente já havia a demonstração matemática, mas o *establishment* da meritocracia científica, como todo *establishment* ou instituição, funciona de modo tanto restritivo como restritor, seguindo os princípios de funcionamento dos sistemas mortos. Só existe por parâmetros absolutos, que sempre configuram exigências de elites. No caso, a exigência se chamou “evidências empíricas”.

Termo usual na língua inglesa, *establishment* é usado por dois psicanalistas, Wilfred Bion e um de seus amigos e colaboradores, Elliott Jaques, que lhe conferiram uma função crítica para um método de estudo e de terapêutica hoje denominado *dinâmica de grupos*, sob inspiração da psicanálise. Foi desenvolvido para a seleção de oficiais do exército e da aeronáutica, ou seja, no *establishment* militar da

Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial; e depois, para pacientes em um hospital de reabilitação para feridos durante o confronto armado. O termo tem sido vertido para o português de alguns modos, como “instituição” e “estabelecimento”. Como toda tradução, parecem-me insatisfatórios. Reconhecendo a anglicização globalizada da linguagem coloquial, científica e artística, proponho manter o termo em sua formulação original em inglês, atualmente incorporado às línguas neolatinas e asiáticas. O inglês tornou-se uma segunda língua mundial. Seguirei essa proposição usando outros termos em sua grafia original inglesa, como *setting* e *fashion*.

Alguns leitores brasileiros com formação acadêmica, mais acostumados com uma tradição de referências a autores franceses,²⁸ às expensas de obras elaboradas por autores anglo-saxões, poderão estranhar o que lhes parecerá uma carência, ao longo deste livro. Embora tenha obtido alguma informação dada pela leitura de textos elaborados por autores de língua francesa, fico menos desconfortável com a abordagem fornecida pelas obras que cito. Parecem-me ter uma qualidade descritiva mais clara, quando usamos o método de análise crítica ou criticismo, conforme delineado por Immanuel Kant, aplicado para avaliação dos métodos usados na ciência.²⁹ Um fator nessa escolha é minha visão de que alguns autores nos deixaram obras menos ideologicamente orientadas ou opinativas. Em contraponto, minha visão das contribuições dos autores franceses comparece neste texto, mas submetida a um exame crítico, e não normativo, nem eivado de fantasias de superioridade. Não serão apresentadas como se fossem melhores e dando respostas finais e definitivas às questões que apresento; uma delas, a idolatria, que, sob o vértice de estudo de dinâmica de grupos, corresponde à escolha de líderes messiânicos.

28 Arantes, P. E. (1994). *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica Uspiana*. São Paulo: Paz & Terra.

29 Kant, I. (1781). Crítica da razão pura. In *Os pensadores* (versão brasileira por V. Rohden). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

De qualquer modo, leitores francófonos que aliem aberta ou secretamente alguma anglofobia ou germanofobia sempre poderão debitar o que lhes parecerá carência à extensão de minha ignorância a respeito do que sustentam, e não estariam errados, na medida em que reconhecimento da ignorância, ou seja, daquilo que não sabemos e não possuímos, é poderoso nutriente, por ser um fator em nosso desenvolvimento. Se usarmos a teoria do pensar proposta por Bion na prática, observaremos que os processos do pensar surgem na ausência da concretude. No caso, o assim chamado “conhecimento”. Nos anos 1990, surgiu uma expressão popular na academia para expressar uma postura crítica em relação a autoritarismos de base idolátrica: dizia-se “o suposto saber”.

No entanto, há também outro tipo de crítica, marcada por hostilidade e, individualmente, rivalidade, como se fosse um postulado “jurídico” *a priori*. Tem sido mantida por grupos acadêmicos contra autores que não tenham tido certas formações teóricas, sob a acusação de autodidatismo. Não surpreende que muitos acadêmicos, que exercem a hoje necessária atividade de seleção ou qualificação final de estudantes, fantassem sobre a base inexistente do “poderia”, que não dispõe de fatos, que nunca ocorreram nem irão ocorrer, afirmando que se algum descobridor, como Freud, Mendel ou qualquer outro que o leitor escolha, seria aprovado em algum exame de seleção ou qualificação, atualmente, da mesma disciplina que descobriram ser possível de ser praticada.

Talvez essa crítica seja verdadeira quando se trata de um trabalho prático, técnico, e que envolva riscos de morte precoce para pessoas. No entanto, mesmo para essas, há a necessidade de fazer algo quando não se sabe nada sobre o fazer. Para o trabalho teórico, tantas vezes visto como sendo de “gabinete”, suponho que o fato de um autor ter tido uma formação acadêmica em qualquer área que tenha aplicabilidade prática – engenharia, medicina, direito, enfermagem, fonoaudiologia etc. – poderá ter-lhe dado treinamento científico suficiente para tanto.

Temos exemplos notáveis no Brasil. Destaco três: Raymundo Faoro, um advogado nascido no Rio Grande do Sul, responsável pela obra que pode ser a mais profunda e abrangente investigação sociopolítica, sob o vértice do método introduzido por Max Weber, a respeito das origens do poder político no Brasil (ver página 255 do Capítulo 9); Hélio Silva, um médico carioca atuante que adentrou no perigoso campo da crítica histórica ao golpe de Estado ocorrido em 1964, em uma obra limpa de ideologias políticas, cuja verdade granjeou-lhe ódio e ignorância intencional das assim chamadas “direita” e “esquerda”, que só aceitam o que lhes parece igual;^{30,31} e Celso Lafer, um advogado paulistano, ministro de Estado, introdutor das ideias de Hannah Arendt no Brasil, que elaborou várias obras sociopolíticas e também de valor biográfico em relação a outros políticos.^{32,33} Exemplos de autores no exterior são inúmeros e uma relação deles, mesmo que limitada à descrição de sua obra ou biografia, tem composto encyclopédias.

Nas palavras que estou propondo como tema deste estudo, vou tentar não me submeter às afirmações absolutas fornecidas por obras subservientes às determinações da meritocracia política no *establishment* acadêmico. Seria saudável, para a manutenção mínima de um ambiente acadêmico, que cada membro perguntasse a si mesmo se aderiu ou estimulou ou criou mais um modismo, que, disfarçado de “novo”, pode promover esquecimento ou estar condenado a fazer o mesmo, mas eivado de pouco saber. Ou, de modo inverso, se teve

30 Faoro, R. (1958). *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo.

31 Silva, H. (1968). *1964: golpe ou contra-golpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

32 Lafer, C. (2002). *JK e o programa de metas (1956-1961). Processo de planejamento e sistema político no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

33 Lafer, C., & Cardim, C. H. (2002). No centenário de Horácio Lafer. In *Horácio Lafer: democracia, desenvolvimento e política externa* (organizado por Celso Lafer e Carlos Henrique Cardim). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão e Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais.

uma postura “ecologicamente” adequada, enfrentando o que lhe é, ou parece ser, novo.

Os exemplos são bem conhecidos, em geral apresentados como se fossem determinados por escolas de filosofia, sempre dotadas de rótulos; e os rótulos sempre são autointitulados. Correspondem a terminologias e simbologias diversas: antigas, modernas, humanistas, fenomenológicas, futuristas, existencialistas, estruturalistas, hermenêuticas, pós-modernistas e, de modo “demasiadamente humano”³⁴ apregoam intenções conscientes eivadas de tendências político-ideológicas, ditas “esquerdistas” ou “direitistas”.

Toda regra tem exceção; generalizações que não sejam científicas arriscam se ombrear em falsidade ao “ouvir falar”. Ressalto as exceções que pude notar: há uma emergência atual de autores de fala francesa que passaram a se dedicar ao mesmo tipo de análise crítica que estou tentando fazer, ou seja, de um modo que me parece menos ideológico, ou não escolástico, a respeito de alguns fenômenos que influem na prevalência de uma das duas “faces”, ou transformações internas aos grupos humanos: meritocracia técnica e política.³⁵

É possível que os autores que estou citando, alguns francófonos, sigam uma alternativa que até agora não se tornou tendência. A alternativa não pode ser colocada de nenhum modo nacionalista, dada a universalidade daquilo que apresentam e representam. Esses autores fizeram – alguns ainda fazem – análises críticas, cuja orientação não pode ser reduzida a nenhuma ideologia particular, a não ser aquela que tenta preservar a sobrevivência humana, considera a realidade dos fatos e respeita a vida. Apontam para a possibilidade de que

34 Nietzsche, F. (1778-1880). Humano, demasiadamente humano. In *Os pensadores* (versão brasileira por R. R. Torres Filho). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

35 Jainchill, A., & Moyn, S. (2004). French Democracy between Totalitarianism and Solidarity: Pierre Rosanvallon and Revisionist Historiography. *The Journal of Modern History*, 76(1), 107-154. <https://doi.org/10.1086/421186>

existam doenças sociais e individuais, denunciando momentos nos quais os interesses da horda social se impuseram à sobrevivência do indivíduo, onde a imposição implicou violência material e psíquica. Têm sido expressas literária e pictoricamente sob todas as formas conhecidas: romances, peças teatrais, cinematografia, crítica literária, crítica histórica e outras, todas elas atingindo um valor similar ao dos mitos (Capítulo 2 – Mitos). Os exemplos formam uma cesta de enorme abrangência, tanto no número de autores como na profundidade pela qual se expressaram: as obras de Friedrich Dürrenmatt,³⁶ Albert Camus,³⁷ Luigi Pirandello,³⁸ Bernard-Henri Levy,³⁹ Isaiah Berlin⁴⁰ e Tzvetan Todorov.⁴¹

Não me vejo imune à pressão externa e, principalmente, interna por aquilo que proponho denominar meritocracia técnica e política, duas faces grupais com funções de início interligadas, mas que evoluem de forma tão diferente, orientadas por clivagem beligerante entre si. Talvez a mesma pressão tenha sido um fator de minha constante escolha pessoal, consciente e inconsciente, de tentar seguir um percurso na vida tendente a fazer algo prático, submetendo-me mais às necessidades humanas orientadas pela meritocracia técnica, às expensas de dedicação às atividades da meritocracia política – pelo menos sob os padrões atuais, determinados ao longo dos últimos trezentos anos.

36 Dürrenmatt, F. (1959-1961). *A visita da velha senhora e Os físicos* (versão portuguesa por Irene Issel e Jorge de Macedo). Lisboa: Portugália.

37 Camus, A. (1957). *L'Etranger*. Paris: Gallimard.

38 Pirandello, L. (1921). *Seis personagens em busca de um autor* (versão brasileira por Federico Carotti). São Paulo: LP&M, 2008.

39 Levy, B.-H. (2006). *American Vertigo* (versão em inglês por Charlotte Mendel). New York: Random House.

40 Berlin, I. (1956). *The Age of Enlightenment*. New York: Meridian Books, 1984.

41 Todorov, T. (2003). The Achievement of Vassily Grossman. In *Hope and memory*. Princeton: Princeton University Press. p. 65.

No que se refere a citações, a maioria delas limita-se às obras originais, e não de autores secundários. Uma exceção é feita a alguns conceitos formulados por W. R. Bion, que estão espalhados em toda sua obra de um modo que não pode ser qualificado como didático. Poucos desses conceitos e teorias aproveitam a compilação crítica disponível em uma obra publicada anteriormente pela Editora Blucher, *A linguagem de Bion: um dicionário encyclopédico de conceitos*, 2021.

Descobertas feitas pelas meritocracias técnicas nos grupos – e suas diferenciações das crenças impostas por meritocracias políticas

Ao dizerem-se sábios, tornam-se tolos⁴²

Entre 1800 e 1900, firmou-se um sintagma: “história do conhecimento”. Nos anos 1940, outro termo foi utilizado: “história das ideias”.⁴³ Os dois, usados como sinônimos, tornaram-se senso comum⁴⁴ no *establishment* universitário. Foram herdeiros, no que se diz ser a idade moderna, daquilo que pode ter sido o marco mais significativo para se obter o conhecer científico e artístico: a feitura das encyclopédias, no Iluminismo.

A primeira foi elaborada na Inglaterra, por Ephraïm Chambers em 1741.⁴⁵ Em um frontispício totalmente descritivo, diz que se trata de

42 Paulo de Tarso (52 d.C.) Epístola aos Romanos, 1: 22.

43 Lovejoy, A. O. (1940). Reflection on the History of Ideas. *Journal of the History of Ideas*, 1: 1.

44 Locke, J. (1690). Ensaio acerca do entendimento humano. In *Os pensadores* (versão brasileira por A. Aiex). São Paulo: Nova Cultural, 1988.

45 Chambers, E. (1741). *Cyclopaedia or An Universal Dictionary of Arts and Sciences*. Vol. I. https://play.google.com/books/reader?id=Cbc9VS_1QKEC&pg=GBS.PP8&hl=pt

explicações dos termos e um relato a respeito das coisas que os termos significam nas várias artes, liberais e mecânicas e nas muitas ciências, humanas e divinas: as imagens das espécies, suas propriedades, produções, preparações das coisas naturais e artificiais: usos correntes, progressos e o estado atual das coisas eclesiásticas, civis, militares e comerciais, com os seus muitos sistemas, seitas, opiniões, etc., entre filósofos, religiosos, matemáticos, médicos, antiquários e críticos.

Dez anos depois, a *Cyclopaedia* foi traduzida para o francês e expandida muitas vezes por Dennis Diderot e Jean Le Rond D'Alembert,⁴⁶ com a colaboração de vários autores, como Voltaire, desenvolvendo o que se pode considerar um dos maiores progressos do Século das Luzes, tendo

*como principal objetivo substituir pelo conhecimento empírico aquilo que até então era imposto por meio de crenças e autoritarismo dogmático: constituir-se-ia em uma grande ofensiva contra a ignorância e a religiosidade provenientes de hábitos mentais de não pensar ritualizado através de dogmas institucionalizados – as práticas dos braços seculares e institucionais das religiões.*⁴⁷

Tratava-se de uma das consequências da Reforma Protestante, agora espalhada por todo o continente europeu e pelas ilhas britânicas sob um clima de revolta em massa contra as imposições do catolicismo apostólico romano nas práticas éticas, científicas e artísticas, até então encerradas no Oriente Médio. O clima de revolta deu luz a

46 Diderot, D., & D'Alembert, J. R. (1751). *Encyclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios* (organizadores da versão brasileira: Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza). Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

47 Sandler, P. C. (1997a). Psicanálise e iluminismo. In *A apreensão da realidade psíquica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago. p. 359.

uma palavra que prossegue popular: *revolução*. Como toda revolução, negando evolução, que demoraria tempo excessivo, no vórtice de 360 graus sempre crescente movido por satisfações imediatas, traz de volta quase tudo que jurou acabar.

A percepção da fantasia onipotente de ser proprietário de todo o conhecer possível aparece no projeto, explícito ou não, de muitas pessoas. Um exemplo marcante foi o fato de, em 1587, um editor alemão, Johann Spies, publicar em Frankfurt, em uma edição do *Livro Popular*, a história do dr. Johann Faust: “Historia von D. Johann Fausten, dem weitbeschreyten Zauberer und Schwarzkünstler”, o que equivale mais ou menos a “História do dr. João Faust, que fez arranjos com feiticeiros e necromantes”. Não citou o autor, e o nome dele permanece um mistério. Na época da publicação, pertencia ao folclore germânico.⁴⁸ A narrativa se transformou em patrimônio universal, sem sequer precisar de prêmio Nobel, nem decretos públicos ou aprovação governamental. Seria quase impossível enumerar os nomes de escritores, músicos e, mais recentemente, cine-matógrafos famosos que produziram romances, peças de teatro, óperas e filmes em torno dessa história; ou sob sua inspiração direta ou não.

O projeto do dr. Faust talvez tenha sido uma das descrições mais acuradas da realidade material e psíquica da natureza humana. Em retrospecto, preparou o terreno para que surgissem as obras de Freud^{49,50,51} e de Melanie Klein, para aprofundar as noções dos fatores

48 Anônimo (século XI). *História do Doutor Johann Fausto* (versão brasileira por Magali Moura). São Paulo: É Realizações, 2019. O original pode ser obtido em e-pub pela Deutsche National Bibliothek, Biblioteca Nacional Alemã: <https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&query=idn%3D930060768>

49 Freud, S. (1911). Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia. *SE*, vol. XII.

50 Freud, S. (1914b). On Narcissism. *SE*, vol. XIV.

51 Freud, S. (1921). Psychology of Groups and Analysis of the Ego. *SE*, vol. XX.

envolvidos em tal projeto.⁵² Pode ser colocado, sinteticamente, como o projeto de alguém que ocupa a posição esquizoparanoide, em tempo integral e regime de dedicação exclusiva.

Não me parece possível e certamente não posso colocar em palavras o dano material e psíquico advindo desse tipo de fantasia que se manifesta pelo projeto do Dr. Faust. Hoje, podemos dizer que se configura na tragédia autoritária e totalitária que impede a consecução da pólis procurada por Platão, Aristóteles, Péricles, Locke, os dois primos distantes que governaram os Estados Unidos, de sobrenome Roosevelt, Bruno Kreisky, Olof Palme e..., infelizmente para alguns e felizmente para outros, uma quantidade pequena de outras pessoas, se comparada com a quantidade impossível de nomear dos ditadores beligerantes totalitários que tentam arruinar e tantas vezes arruínam nosso mundo. Não me parece haver privilégio, ainda que dúvida, de maior concentração de “doutores Faust” na meritocracia política do grupo de políticos profissionais. “Doutores Faust” emergem também na meritocracia técnica, em todo grupo que se possa considerar. A diferença é que toda vez que um meritocrata técnico se transforma em meritocrata possível, irá abreviar ou extinguir seu percurso técnico e irá colaborar com os meritocratas políticos, incluindo os do grupo de políticos profissionais.

Tampouco me parece possível colocar em palavras que realmente possam representar a profundidade e amplitude dos danos consequentes à infiltração virulenta e capilar no aparato psíquico da consecução, ainda que fantasiosa, do projeto do Dr. Faust, compondo boa parte das disfunções manifestadas pelo ciclo de avidez e inveja⁵³ que tem caracterizado a todos nós, que nos chamamos de seres humanos, ainda que em graus variáveis.

52 Klein, M. (1946). Notes on Some Schizoid Mechanisms. In *Developments in Psycho-analysis* (editado por M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere). Londres: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1952.

53 Klein, M. (1957). *Envy and Gratitude*. Londres: Tavistock Publications.

Até o ponto que foi minha experiência de meio século tentando praticar psicanálise ininterruptamente, psicanálise é um método que permite a cognição de aspectos parciais dessa situação vital descrita pela história do Dr. Faust. Tenho noção de que algumas pessoas podem obtê-la, pelo menos de um outro modo; talvez haja outros métodos. Não sei, e ainda não temos métodos para saber, se existiriam condições genéticas tanto para criar o mesmo projeto do Dr. Faust, como aquelas que parecem ser necessárias para obter a cognição dos processos inconscientes que resultam nesse projeto. Caso existam, parecem depender daquilo que Freud denominou “séries complementares”.⁵⁴

Em minha experiência, a obtenção pelo único outro modo ocorre por aquisição daquilo que o senso comum denomina “maturidade”; que pode também ser descrito como a possibilidade de aprender-se da experiência. Parece-me demandar um tempo muito maior do que o que se pode obter submetendo-se a uma psicanálise. Fazendo a analogia com a história do Dr. Faust, seria possível perceber-se, ainda que transitória e parcialmente, o “Faust interno”. Essa parece-me ser uma das tarefas de uma psicanálise. Sugeri anteriormente que poderia também se chamar, em nome da modernidade, de um “Stalin interno” e “Hitler interno”. São tantos, esses nomes, continuamente mutantes, por imanência! Hoje em dia, poderiam ser chamados pelos nomes dos ditadores políticos beligerantes, que uma vez mais entraram em moda mundial.

J. W. Goethe foi um homem que, sem ter se submetido a uma psicanálise, parece ter obtido essa percepção; não por coincidência, adotou o método histórico (ontológico) para descrever a natureza humana, culminando com alguns ciclos vitais: o mais sofisticado foi o “ciclo Faust”; fruto de tentativas anteriores, como o “ciclo Wilhelm Meister”.

54 Freud, S. (1917). Introductory Lectures on Psycho-analysis, part III. *SE*, vol. XVI. pp. 37, 362, 370.

No ciclo Faust, a terceira e última parte levou sessenta anos para ser escrita. Goethe achou melhor proibir sua publicação, pelo menos enquanto ele estivesse vivo. Teve mais sorte do que Freud, que proibiu que fizessem sua biografia, para alguns amigos, como Arnold Zweig. Proibição de pronto desrespeitada pelo médico que lhe deu a graça de se submeter a uma eutanásia, Max Schur. Dez anos depois, sua filha dileta, Anna Freud, auxiliada pelo único pioneiro do movimento que permaneceu ao seu lado, ajudando a impedir o assassinato de Freud pela ditadura alemã do regime nazista: Ernest Jones.

Freud percebeu que essa era uma tarefa que poderia caber à psicanálise. Antes dele, não há registros de que alguém tivesse detectado a necessidade de fazê-la sob o vértice médico, individual, isento de juízos de valor. Até então, havia tentativas eivadas de juízos canônicos ou civis: podem ser examinadas no código mosaico ou no de Hamurabi.

Sob o vértice psicanalítico, o “Faust interno de cada um” pode ser caracterizado pelo funcionamento do aparato psíquico, em parte inconsciente, mas nem sempre, sob a égide do princípio do prazer-desprazer. Manifesta-se por fenômenos qualificados pela psiquiatria como paranoíia, esquizoidia, narcisismo e seu par complementar: fantasias “homo”. Aspectos do “Faust interno” têm sido trazidos à consciência de alguns poucos indivíduos com a ajuda da psicanálise. Quanto seriam, esses “poucos”? Não sabemos. Inexistem dados estatísticos instrumentados pela psicanálise; um parâmetro a qualificação, excessivamente tosca, é comparar a população mundial com o número de pacientes tratados por psicanalistas acreditados pela IPA. Freud, após 40 anos de trabalho, alertou sobre as limitações terapêuticas do método psicanalítico. Têm sido levados em conta?

Cada leitor poderá ter sua resposta; até o ponto que pude ver, não foram, em termos de massa, que é composta pela população interessada, feita por acadêmicos, por membros do movimento psicanalítico e pela sociedade circundante. A psicanálise teve e continua tendo uma influência notável no meio social que a circunda e que foi parte

de sua descoberta. A influência é inversa à quantidade de praticantes. Nunca foi possível saber de modo profundo e abrangente o grau de domínio (conhecimento por experiência) dos praticantes. A meu ver, os alertas não foram levados em consideração pelos idólatras nem por seus irmãos siameses, de aparência aparentemente oposta (ou negativa), os iconoclastas. Ou seja, pelo *establishment* circundante, dentro e fora do movimento psicanalítico.

Quantos praticantes de psicanálise existem na população mundial da atualidade, composta por quase oito bilhões de pessoas? Se considerarmos o número de membros pagantes do mais antigo *establishment* psicanalítico, a instituição não governamental privada, Associação Internacional de Psicanálise (IPA), esse número parece ser, até o ponto que pude pesquisar, semelhante ao número de praticantes de violoncelo ligados a instituições de ensino e orquestras – algo em torno de 17 mil pessoas. Por outro lado, podemos perguntar: quantas pessoas com um “Dr. Faust interno” existiram? Quantas delas reúnem a condição paradoxal, mínima e máxima, para procurar auxílio de um psicanalista, que pode ser equacionada na capacidade de não apenas abrigar, mas perceber minimamente um estado de aflição interna expressa por desnorteamento, que os impulsione a procurar auxílio? Quantas delas seriam isentas de um tipo específico de inteligência, capacidade pessoal e habilidade (denominada pelos psiquiatras, antes mesmo da descoberta da psicanálise, *psicopatia* ou *sociopatia*) para detectar probabilisticamente a existência de postos governamentais ou em empreendimentos privados, ou nos sistemas administrativos de qualquer instituição que se considere, comercial ou não? Quando lhes falta inteligência ou oportunidades, vagam pelos grandes centros urbanos, compondo atividades mendicantes e o considerável corpo de assassinos dispostos a empreender atividades mercenárias, guerras de invasão, sequestros, grupos de extorsão e assemelhados, e até mesmo participar de exércitos de

defesa? Alguns formam boa parte do público usuário de instituições custodiais, como hospícios e penitenciárias, cuja população, uma vez iniciada, não para de se elevar.

Platão, após ter colaborado com a elaboração da pólis, e vivendo as consequências desse estado, manifestadas, por exemplo, com o assassinio de seu mestre, Sócrates, pela meritocracia política de então, conclui que *homens de bem não se dedicam a atividades políticas*. O Dr. Faust exemplifica uma pessoa assomada por fantasias de superioridade. Fez o que estava a seu alcance, conforme a versão poética de Goethe da história de Dr. Faust, para que “Os vestígios de meus dias, na terra passados / nem em milênios fossem apagados”⁵⁵.

Há referências históricas inequívocas: houve realmente uma pessoa com esse nome que viveu entre 1500 e 1587 e que fazia questão de ser alguém especial, melhor que seus contemporâneos. Outorgou-se poderes especiais, “filósofo-mor entre os filósofos”. Queria descobrir “os fundamentos de tudo, tanto no céu como na terra”, descreve o livro editado por Spiess. Há vários momentos na forma dialógica escolhida por Goethe, em que o Dr. Faust pretende a posse da verdade absoluta. Dizia-se que o Dr. Faust, tanto na vida real como nas histórias publicadas a seu respeito, era dotado de sabedorias que ninguém mais tinha, que era senhor de artes mágicas que lhe facultavam reanimar mortos e ser vidente, quiromante, astrólogo e médico. Como está no livro original, esses assenhoreamentos facultavam-lhe “conquistas”⁵⁶. Suponho que esta é uma palavra-chave, pela enorme quantidade de sua menção entre membros de meritocracias políticas.

55 Goethe, J. W. (1773-1832). *Fausto* (versão brasileira por J. K. Segal). São Paulo: Itatiaia & Edusp, 1981. p. 14.

56 Carpeaux, O. M. (1963). *A literatura alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.



Este novo livro de Paulo Cesar Sandler traz aos leitores mais uma demonstração de sua peculiar elaboração, integração e extensão do pensamento de Freud, Klein, Bion, Winnicott e Green, além das contribuições de outros autores. Refere-se especificamente às considerações de Bion sobre o funcionamento dos grupos e das evoluções e involuções dos produtos do aparato de pensar, nas relações dos membros do movimento psicanalítico com a instituição (*establishment*) que os congrega, sob forma de associações ou sociedades.

O leitor não encontrará conceitos criados de modo apodítico e assertivo. Como tem sido seu hábito, Sandler se baseia em hipóteses amplas e solidamente documentadas. Suas formulações nunca surgem do nada, mas de uma pesquisa científica o mais extensa e fundamentada possível, no tecido do pensamento de autores reconhecidos pelas suas contribuições práticas para os psicanalistas.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2296-5



9 788521 222965



www.blucher.com.br

Blucher



PSICANALÍSE

Paulo Cesar Sandler

**A diferença entre
meritocracia técnica e política**

*Nos grupos científicos e artísticos,
observados sob o vértice psicanalítico*

Blucher

Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A diferença entre meritocracia técnica e política

Nos grupos científicos e artísticos, observados sob o vértice psicanalítico

Paulo Cesar Sandler

ISBN: 9788521222965

Páginas: 392

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
